

# (Etno)terminologia na (etno)medicina Mundurukú

Nathalia Martins Peres Costa<sup>1</sup>, Dionei Moreira Gomes<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Universidade de Brasília (UnB)

nathalia.mp.costa@gmail.com, dionei98@unb.br

**Resumo:** Vivemos um momento histórico ímpar, em que se reconhece a importância de registrar os saberes culturais de nossos povos indígenas. Aqui apresentamos como a Terminologia pode colaborar com o registro e reconhecimento da Medicina Tradicional Mundurukú. Usamos o termo *etnoterminologia* com referência a uma terminologia sensível aos estudos de termos étnicos/culturais de uma etnia brasileira. Apresentamos também o porquê de aplicarmos como recorte teórico e metodológico a Teoria Comunicativa da Terminologia, a Linguística de *Corpus*, a Socioterminologia e a Etnografia. Por fim, apresentamos os primeiros resultados do desenvolvimento dessa faceta do projeto terminológico com o povo Mundurukú.

**Palavras-Chave:** *etnoterminologia; linguística antropológica; língua Mundurukú (Tupí); Medicina tradicional; bilinguismo.*

## Introdução <sup>12</sup>

Existem atualmente cerca de 10 mil índios Mundurukú, que se distribuem entre os Estados do Pará (alto, médio e baixo rio Tapajós) e Amazonas (rio Madeira). Com mais de dois séculos de contato com os não-indígenas, grande parte da população é bilíngue, mas há falantes monolíngues tanto em Mundurukú quanto em Português, o que geralmente depende da terra indígena (TI), da idade e/ou do sexo de cada falante.<sup>3</sup>

Atendendo à solicitação dessa população indígena, em 2006 foi criado, no Pará, o curso de Ensino Médio Integrado ao Ensino Profissionalizante em Técnico em Agroecologia, Técnico em Enfermagem e Magistério (RAMOS, 2006), também

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do trabalho de Iniciação Científica desenvolvido pelos autores na UnB entre 2009 e 2010. Hoje, o projeto ganhou proporções de pós-graduação e continua seu desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística (mestrado) da UnB.

<sup>2</sup> Neste artigo procuramos seguir a nova ortografia.

<sup>3</sup> Está sendo feito, paulatinamente, um levantamento do perfil sociolinguístico do povo mundurukú do Pará pelos pesquisadores do projeto Dicionário Terminológico Escolar Bilíngue: Mundurukú-Português/Português-Mundurukú (CNPq 479550-2007/7).

conhecido por *Projeto Ibaorebu*. Esse curso visa atender à continuidade dos estudos dos formados no Ensino Fundamental, único nível da Educação Básica oferecido pelo Estado nas próprias aldeias até 2006. Assim, os jovens não precisam deixar as aldeias para cursar o Ensino Médio e fazem um curso mais voltado para as necessidades de seu povo.

Certamente, com o Projeto Ibaorebu, houve a intensificação do contato do povo mundurukú com a língua Portuguesa. Para que esse contato não fosse demasiadamente invasivo, gerando com o tempo uma situação irreversível de monolingüismo total em Português, tornou-se clara a necessidade de se desenvolver um dicionário bilíngüe e didático nas áreas de Magistério, Enfermagem e Agroecologia. Por isso, em 2007, iniciou-se seu desenvolvimento.<sup>4</sup> Esse dicionário pode ser considerado também uma das medidas para que a língua Mundurukú tenha seu espaço garantido nas discussões escolares, fator fundamental para a existência de um almejado bilingüismo funcional e pluralista (cf. GOMES 2010).

## **1. Por que um estudo etnoterminológico da medicina tradicional do povo Múndurukú?**

Desde a criação do projeto do dicionário terminológico, os estudos teóricos e práticos no âmbito desse dicionário têm nos levado a refletir sobre várias questões terminológicas e terminográficas de ordem bilíngüe e intercultural, desde a falta de equivalentes até a existência de equivalências múltiplas entre as línguas. No campo da Enfermagem, por exemplo, a falta de um equivalente ocorre, naturalmente, dada a chegada de um instrumento novo ou de uma nova técnica, o que vai gerar ou a adoção do termo em Português ou a criação de um termo em Mundurukú: como no caso de *seringa/injeção*, para o qual se criou o termo *pamutikapap* (*literalmente aquilo que faz passar o líquido no braço*), mas também emprega-se por empréstimo do português o termo *injeção*.<sup>5</sup> Por outro lado, o termo "grávida" encontra em Mundurukú quatro equivalentes, que especificam diferentes fases da gestação:

1. *yukrepa'ūmat* : 1 a 4 meses; não se nota ainda;
2. *yukereñat*: quando já visível a gravidez;
3. *yukboñat*: grávida com barrigão;
4. *yukpasuk*: perto de ganhar.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> O projeto, que já resultou em um dicionário piloto, com 150 termos, tem contado com a participação das mestrandas da UnB Joice Ventura, na pesquisa dos termos da enfermagem (perspectiva ocidental), Tânia Ferreira, na pesquisa dos termos do magistério, e Thalita Siqueira, na pesquisa dos termos da agroecologia, todas sob orientação do Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília – UnB.

<sup>5</sup> Dados oriundos do projeto citado na nota 4.

<sup>6</sup> Dados oriundos do projeto citado na nota 4.

À parte dessas questões ligadas ao trabalho de elaboração do dicionário terminológico em Enfermagem especificamente, chamou-nos a atenção a necessidade de registrar o sistema de cura e cuidado dos próprios índios mundurukú, a sua medicina tradicional. Também é natural que existam técnicas, procedimentos e produtos específicos usados pelos sábios cuidadores mundurukú, pelos seus pajés e parteiras. Mais natural ainda é a existência de rica e expressiva terminologia para dar conta dessa visão de mundo, desse imensurável conhecimento ancestral. Optamos, então, por documentar, analisar e disponibilizar em meio impresso, visual e auditivo uma parte significativa da cultura mundurukú por meio do estudo do léxico especializado de seu sistema de cura e cuidado, e a esse estudo da terminologia presente no saber e na prática medicinal do povo mundurukú é que chamamos etnoterminologia.<sup>7</sup>

Esse enfoque diferenciado parte da importância da manutenção e valorização das tradições; essa importância é reconhecida não só por nós, mas também pelos alunos e sábios do povo; logo, fez-se necessária a expansão da ideia inicial de terminologia, pois, se antes um dos objetivos centrais do dicionário era mostrar que se pode falar sobre práticas e saberes científicos externos à comunidade, utilizando-se da língua Mundurukú, e assim evitar o uso indiscriminado de termos em Português, hoje faz parte do desafio da etnoterminologia auxiliar na manutenção e difusão dos conhecimentos tradicionais junto ao próprio povo mundurukú.

Portanto, nosso objetivo passou a ser também mostrar que há técnica, ciência e cientificidade na medicina tradicional desse povo e que, nela, podem-se encontrar termos. Esse é mais que um compromisso linguístico e educacional; é, acima de tudo, um compromisso social e culturalmente motivado. Nasce aqui nossa *etnoterminologia*.

## 2. Orientação Metodológica

O referencial teórico que guia a metodologia adotada na realização desta pesquisa é a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)<sup>8</sup>. A escolha dessa teoria em detrimento da Teoria Geral da Terminologia (TGT) explica-se pelo próprio caráter da pesquisa que estamos realizando e da obra que pretendemos compor, bilíngue e multicultural. A seguir, justificamos essa escolha, diferenciando as teorias.

É de suma importância, para o bom andamento do nosso trabalho, utilizarmos uma teoria em que não haja um limite pré-estabelecido entre termos e palavras.

---

<sup>7</sup> Não seguimos aqui, estritamente falando, a concepção de etnoterminologia presente em Barbosa (2006, p. 48), para quem a etnoterminologia “Busca estudar a norma relativa ao estudo semântico, sintático e funcional do conjunto de unidades lexicais que caracterizam o universo dos discursos etno-literários, no âmbito da cultura brasileira. [...] Associam aspectos referenciais, pragmáticos e simbólicos, em função semiótica, metassemiótica e metametassemiótica, próprias dos vocábulos, mas apresentam, também, características de uma linguagem de especialidade. Tais unidades lexicais têm um significado muito particular, peculiar a esse universo de discurso, e são, ao mesmo tempo, polisseméticas”. A principal diferença entre o nosso estudo e o de Barbosa é o objeto de análise: nela, foca-se os discursos etno-literários; em nós, os discursos de cuidado e cura tradicionais de uma dada etnia brasileira. Em essência, nossos objetivos e epistemologia são muito, muito próximos.

<sup>8</sup> Desenvolvida principalmente por Cabré e pela equipe do IULATERM - Grupo de pesquisa do Instituto Universitário de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha).

Na perspectiva da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cada item só vai ser definido como lexical ou terminológico a partir do discurso em que se encontra; portanto, dentro do discurso dos pajés, palavras do léxico geral da língua podem tornar-se, e de fato tornam-se, termos. Postulamos a existência de termos na fala dos pajés, justamente por estarem eles em um ambiente especializado, ou melhor, por estarem eles agindo de modo especializado em seu ambiente físico-social.

Além disso, a TCT apresenta outras características adequadas ao desenvolvimento desta pesquisa e à obtenção dos resultados pretendidos. A TCT, por exemplo, aceita as variações; portanto, os termos não precisam ser universalmente padronizados; pelo contrário, pessoas diferentes, em locais ou condições diferentes, podem empregar termos diferentes para uma mesma técnica ou um mesmo instrumento, ou usar o mesmo termo para técnicas ou instrumentos diferentes. Isso só é possível porque a TCT considera os termos parte das línguas naturais.

Por sua vez, a Teoria Geral da Terminologia (TGT) “assume um caráter metodológico, de natureza prescritiva e normalizadora em detrimento da apreensão quanto aos modos de funcionamento dos léxicos terminológicos” (KRIEGER, 2000, p. 213). Isso não condiz com a natureza do nosso trabalho, que, além de envolver duas línguas, envolve duas culturas e tem como uma das metas a preservação e valorização do Mundurukú, língua minoritária.

Hoje, conforme Almeida (2006), grande parte das pesquisas terminológicas realizadas no Brasil tem como referencial teórico a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Para Krieger (2000), uma das razões para a adoção da TCT em detrimento da TGT é o fato de, desde a década de 60, as ciências humanas terem tido seu caráter científico reconhecido. Nas ciências humanas, muitos termos são peculiares, mas outros advêm do léxico geral; portanto, só são definidos como termos dentro do discurso em que ocorrem; bem como acontece com as medicinas tradicionais de povos tradicionais mundo afora.

Na base de nosso projeto, estão também a chamada Linguística de *Corpus* e a Linguística Textual, com foco na terminologia *in vivo*. Essas áreas foram escolhidas por possibilitar o trabalho com dados terminológicos e informações reais, oriundos de uma coleta sistemática em textos reais. Os textos a que nos referimos aqui foram produzidos oralmente por pajés mundurukú e filmados por nós em equipamento de alta definição de imagem e som nas próprias aldeias durante nosso trabalho em campo. Como estamos lidando com discursos especializados em uma parcela bem específica da população mundurukú, não estamos exatamente preocupados com a extensão do *corpus*, mas com a qualidade das informações contidas em cada texto, pois “assim como uma pesquisa de opinião não considera uma população inteira, mas extratos dela, também os corpora (*sic*) representativos devem obedecer a padrões de extensão de acordo com a pesquisa a ser desenvolvida” (OLIVEIRA & DIAS, 2009, retirado de: <http://www.realiter.net/spip.php?article252>).

Portanto, nossos *corpora* textuais devem ser compostos por discursos/textos produzidos pelos pajés, parteiras e sábios de diferentes aldeias Mundurukú, normalmente em entrevistas abertas ou semiestruturadas, para que cada texto contemple todas as subáreas da etnomedicina que consideramos fundamentais.

Para trabalhar com a terminologia de duas línguas, que coexistem em uma mesma comunidade e com assimetria de poder político, usamos também a contribuição da socioterminologia, que trata o termo “segundo as características de variação dentro do contexto social, linguístico e terminológico onde ele ocorre” (FAULSTICH, 1998, p. 265).

O trabalho terminológico está, necessariamente, ligado a alguma outra ciência ou área, que é o objeto do seu trabalho. Entendemos que ter a medicina tradicional de um povo como objeto de pesquisa terminológica nos leva a inter-relações práticas e metodológicas com outras áreas do saber, sejam elas a antropologia, a medicina, a farmacologia e a botânica. Portanto, além da terminologia, foram realizadas leituras de base antropológica, ligadas tanto à realização dos trabalhos de campo, quanto aos estudos que vêm sendo desenvolvidos a partir do entrecruzamento da antropologia com as demais ciências ligadas ao nosso trabalho, a etnomedicina e a etnolinguística. Nesse ponto, a leitura do livro “Saúde Yanomami: um manual etnolingüístico”, de Albert & Gomez (1997), foi de fundamental importância para começarmos a traçar um perfil de tratamento etnolingüístico da saúde de uma população indígena.

Também foram feitas muitas leituras relacionadas às plantas e ao seu uso e seu potencial como medicamento em diferentes comunidades. Partimos do entendimento popular divulgado em todo país e acessível a qualquer cidadão a partir de revistas e livros especializados como primeira leitura. Familiarizados com o tratamento popular, focamos nossa busca em trabalhos de respaldo científico, dentre os quais ressaltamos a dissertação defendida por Massarotto em 2009, intitulada *Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades quilombolas Kalunga e urbanas, no nordeste do estado de Goiás, Brasil*, do programa de pós-graduação em Ciências Florestais da Universidade de Brasília. Daí, voltamos nossa atenção, então, para os trabalhos realizados especificamente com base nos fitoterápicos usados na região norte, por indígenas, ribeirinhos ou de domínio popular, registrados em artigos científicos, como os artigos da revista *Química Nova* e da *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, além de outros.

Naturalmente, desde a ideia inicial à coleta dos dados e à construção do dicionário, há, atrelado ao trabalho linguístico que estamos realizando, um forte viés antropológico, por isso nós nos inspiramos também na Etnografia, método de pesquisa antropológica desenvolvido por Malinowsk que defende a observação participante, no qual, para que um estudo antropológico seja realizado com qualidade, é preciso que o pesquisador vá a campo e experiencie a cultura a ser estudada; por isso, a coleta de dados, bem como a de gravação dos dados em Mundurukú é feita em campo.

### **3. O Trabalho de campo**

#### **3.1. A preparação**

Ainda na universidade, conforme as leituras e discussões eram feitas, iniciamos a escolha dos tipos textuais que comporiam o *corpus* a ser coletado e,

mais que isso, com base no material disponível, traçamos uma lista de termos frequentemente relacionados aos sistemas de cura e cuidado dos povos tradicionais, como chás, folhas, raízes, infusões...

Definimos também que focaríamos a coleta dos dados nas doenças mais comuns na região, pois essas seriam as que mais provavelmente teriam tratamentos tradicionais. Logo pudemos estabelecer os subitens fundamentais para que cada termo fosse apreendido em sua totalidade o que foi fundamental para atender nosso objetivo; daí, elaboramos uma ficha que deveria servir de orientação para as entrevistas, de modo que controlássemos o registro, devendo constar sempre e nas duas línguas:

- i) a doença a ser tratada;
- ii) o material usado no tratamento, normalmente planta ou animal;
- iii) a(s) parte(s) utilizada(s);
- iv) o modo de administração;
- v) o modo de preparo;
- vi) as indicações e as restrições.

Atentamos também para a importância de fotografar todas as plantas e animais usados nos tratamentos, além de filmar o máximo possível de informações, a fim de compor um precioso registro documental de um povo indígena brasileiro.

A princípio, estabelecemos que a microestrutura da obra terminológica que comporíamos deveria contemplar os seguintes requisitos:

**nomes populares – nomes Mundurukú (MDK) - nomes científicos – nome da parte utilizada em Português (PT) – nome da parte utilizada em MDK – modo de preparo - modo de administração – bom para e restrições; remissões; fotos (da parte ou do todo)**

Assim, antes de partir para o primeiro trabalho de campo, nós escolhemos os pajés como portadores do conhecimento que comporiam nossos *corpora* textuais iniciais, nos possibilitando acesso a um material autêntico e confiável. Obtivemos com um deles, Pajé Fabiano, e também com o cacique da aldeia Praia do Mangue, Thiago Ikõn, a autorização para iniciar a documentação; contamos também com o apoio indispensável desde o primeiro momento do presidente da associação Paryryp, Deusivaldo Saw Mundurukú.

### **3.2. A execução**

O trabalho de campo foi realizado entre os dias 05 e 19 de dezembro de 2009 em duas etapas. A primeira semana foi totalmente dedicada à observação, ao estudo e à coleta dos dados sobre a medicina tradicional, que ocorreu

principalmente nas aldeias do Mangue e São Luiz (ambas no município de Itaituba – PA). A segunda semana ocorreu na aldeia Sai-Cinza (município de Jacareacanga – PA) e foi dedicada ao curso de Ensino Médio (Projeto Ibaorebu) e à aplicação do primeiro modelo de questionário para levantamento do perfil sociolinguístico, trabalhos concomitantes ao nosso..

Todos os dados foram coletados nas aldeias, tanto em língua portuguesa como em língua mundurukú, por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas.<sup>9</sup> Normalmente, as entrevistas abertas eram utilizadas para coletar os dados em ambas as línguas, isto é, pedíamos ao pajé que nos falasse da planta e explicasse qual parte era usada, como preparar, se havia alguém que não poderia usar aquele remédio, como grávidas, crianças, etc.; porém, depois dessa orientação, nós o deixávamos livre para falar naturalmente de cada medicamento. Em alguns momentos, perguntávamos sobre alguma informação específica que era esperada para compor as fichas que havíamos preparado, mas que ainda não tinha sido fornecida livremente. Algumas vantagens desse tipo de abordagem já são reconhecidas, como:

a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. (BONI & QUARESMA, 2005, p. 75)

Para gravar e armazenar os dados obtidos por meio das entrevistas, todas as interações foram filmadas em aparelho de alta definição de som e imagem, sempre contando com a anuência dos entrevistados. Antes de iniciarmos qualquer tipo de gravação, formulamos um termo de consentimento que solicita a permissão para registrar os dados necessários ao desenvolvimento da pesquisa e do material final, bem como assegura um tratamento ético aos participantes e aos dados desta pesquisa.

#### **4. Os resultados/o fichamento dos dados etnoterminológicos**

O fichamento dos dados coletados deu-se primeiramente em Língua Portuguesa, separando os dados coletados conforme as subáreas estabelecidas para melhor contemplar os objetivos da pesquisa. O modelo de ficha abaixo apresentado abstém-se de registrar alguns dados muito frequentes em fichas terminológicas como, por exemplo, a fonte dos dados e a data, posto que isso já está registrado nos vídeos e nas suas transcrições. Isso não cria, porém, nenhum tipo de problema no tratamento dos termos nem das fichas, pois conforme Almeida (2006, p. 6)

---

<sup>9</sup> Seguimos de perto o proposto por BONI & QUARESMA (2005).

não há um modelo ideal de ficha terminológica, cada ficha deve refletir as necessidades do projeto, isto é: 'para quê' e 'para quem' se faz determinado dicionário. Isso auxilia o terminólogo a prever quais campos deverão constar do protocolo de preenchimento da ficha terminológica.

Este seria um exemplo inicial<sup>10</sup> de ficha no caso do registro do sistema de cura e cuidado tradicional mundurukú, em português:

**Ficha terminológica (modelo inicial):**

<b>Doença tratada</b>	Rasgadura, machucado
<b>Planta utilizada</b>	Apuí – tracadeira
<b>Parte da planta utilizada</b>	Leite / seiva*
<b>Modo de preparo</b>	Extrai-se o leite que a planta solta
<b>Administração</b>	Passa na parte que dói, ou que está machucada, depois cobre com algodão para não grudar na roupa
<b>Contra indicação / restrição</b>	Não há.
<b>Tratamento complementar</b>	Não há.
<b>Indicada também para...</b>	Dor muscular

Como pode ser observado pela ficha terminológica e pelos itens estabelecidos para compor a microestrutura, para o nosso *corpus*, não só o termo é significativo, mas tudo que compõe o enunciado, todo seu contexto explicativo – razão pela qual predeterminamos alguns campos de extrema relevância para a coleta dos dados; esses campos correlacionados, que registramos nas fichas terminológicas, tendem a aparecer na obra final. A última coluna, que contempla o item “indicada também para”, em alguma medida, começa a traçar uma rede de informações correlacionadas, o que pode ser fundamental para se desenvolver as notas, remissões e índice remissivo, embora não tenhamos esse item como piloto ou protótipo de um futuro mapa conceitual ainda.

Essas fichas foram feitas em campo, para ter um melhor controle das informações que eram fornecidas, mas na ocasião não foi possível catalogar as informações nas duas línguas. Embora tenhamos os dados gravados também em Mundurukú, essa parte será degravada no próximo trabalho de campo, previsto para o mês de março de 2011, já durante o nosso mestrado que se inicia. Essa etapa é de extrema importância para a extração dos dados que compõem a pesquisa nos termos da medicina tradicional Mundurukú. Além disso, priorizamos as informações em Mundurukú na obra terminológica que constituirá o objeto principal de retorno dos resultados da pesquisa à comunidade Mundurukú.

Pudemos perceber durante o trabalho de campo de 2009 que os alunos do ensino médio já demonstram em seus trabalhos interesse em sua medicina tradicional e em difundir o conhecimento que se tem sobre ela. Assim sendo, nosso protótipo de obra terminológica deve atender aos pré-requisitos essenciais a uma obra terminológica responsável e bem elaborada, sem de forma alguma deixar de atender às necessidades linguísticas, educacionais e socioculturais do povo mundurukú. Por isso, não nos recusamos a investigar métodos eficientes para essa

<sup>10</sup> Repetimos que o trabalho aqui apresentado é fruto de IC e que ele está sendo desenvolvido vigorosamente no mestrado em Linguística da UnB.



popularização do saber tradicional, fazendo assim a ponte indispensável entre os pajés, as parteiras, demais sábios e os jovens Mundurukú, estudantes ou não do curso técnico em enfermagem. O que envolve decisões técnicas quanto ao melhor paginamento, a melhor distribuição de dados e a melhor organização para manuseio do material.

Assim, estamos realizando um trabalho de relevância tanto para a sociedade acadêmica quanto para a sociedade mundurukú. Por isso o trabalho tem a interface etnoterminológica e o objetivo de construir uma obra terminológica com algumas informações explicitamente culturais para a fácil consulta da obra pela população mundurukú.

Estamos também em fase de enriquecer a pesquisa etnoterminológica e a obra de retorno para a população, realizando mais entrevistas semiestruturadas e abertas com outros pajés e também com parteiras para que possamos complementar e diversificar as informações, tornado o *corpus* o mais rico e variado possível.

Consideramos também que, para tornar ainda mais dinâmica a consulta a obra terminológica que ora construímos, devemos possibilitar ao consulente uma dupla forma de pesquisa, tanto pelos nomes das plantas quanto pelas doenças a serem tratadas. Como estamos descrevendo cada tratamento, a entrada está sendo determinada pelos nomes das plantas, mas acreditamos que o consulente, por vezes, pode procurar as possibilidades de tratamento para uma doença específica. Para isso, é preciso manter na obra um índice com as doenças e as plantas que são utilizadas em seu tratamento.

Para essa obra, também temos feito o registro dos termos referentes ao preparo e aos modos de administração dos tratamentos. Tais entradas estarão provavelmente no início ou fim da obra, intencionalmente separadas das plantas, que serão distribuídas em ordem alfabética, pois esses termos servem para guiar e orientar os procedimentos, logo têm outro objetivo e funcionalidade dentro da obra.

## 5. Considerações finais

O artigo tem como objetivo apresentar o estudo terminológico e terminográfico de línguas erroneamente consideradas inferiores e pouco científicas, as nossas línguas indígenas. Dessa forma, estendemos a terminologia e a terminografia para os discursos especializados presentes na comunidade Mundurukú e instigamos a reflexão científica sobre a terminologia na fala de sujeitos das populações em geral, independentemente de educação formal. Com este estudo e outros que certamente o sucederão, reconhecemos o valor daquilo que é produzido nessas comunidades, como os processos médicos e farmacológicos, agroecológicos e até mesmo de ensino, além de outros.

O povo Mundurukú, especialmente os alunos do Projeto Ibaorebu, têm demonstrado interesse em preservar e valorizar os saberes dos pajés e parteiras, dos sábios, dos idosos em diversas áreas do conhecimento. Este trabalho encontra

respaldo não apenas na ideia de preservação dos saberes, mas também no ideal de difusão e acesso a um saber cultural que é deles há séculos; e há séculos esse **saber** lhes permite viver em um ambiente tão inóspito e com tantos riscos ao ser humano como o é uma floresta tropical. Isso é só mais uma evidência da ciência que os povos das florestas praticam!

Acreditamos também que, por estarmos constantemente lidando com aspectos que envolvem a manutenção e a valorização da língua Mundurukú, não apenas como bem cultural e patrimônio linguístico, mas também como portadora e transmissora desses bens, o trabalho tende a buscar os ideais de planificação linguística (cf. FAULSTICH 1998), pois em um sentido mais político essa seria a parte da linguística competente não apenas para registrar e descrever uma língua, mas também para torná-la um objeto político e dar reconhecimento oficial aos seus falantes.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, G. M. de B. A teoria comunicativa da terminologia e a sua prática. *Alfa*, São Paulo, n. 50 (2), pp.85-101, 2006.

ALVES, I. *Neologismos*. São Paulo: Ática, 2007.

AVELLO, I. M. S. & GRAU, C. F. *Enfermagem: fundamentos do processo de cuidar*. São Paulo: DCL, 2004.

BARBOSA, Maria Aparecida. Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos. *Cienc. Cult.* [online]. 2006, v. 58, n. 2, pp. 48-51. ISSN 0009-6725.

BARBOSA, Maria Aparecida. Cultura popular amazônica em etno-terminologia. *Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus*, AM - Julho/2009.

BONI, V. & QUARESMA S. V. Aprendendo a entrevistar: COMO FAZER ENTREVISTAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS. *Em tese: revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC*. vol. 2 nº 1 (3), pp. 68-80, janeiro-julho/2005.

DELAMARE, J.; DELAMARE, T.; DELAMARE, V.; GARNIER, M. *Dicionário Andrei de termos de medicina*. São Paulo: Andrei Editora, 2002.

FAULSTICH, E. Planificação linguística e problemas de normalização. *Alfa*. São Paulo: USP, N. 42, pp.247-268, 1998.

FAULSTICH, E. *A socioterminologia na comunicação científica e técnica*. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 58, n. 2, pp. 27-31, 2006.

FAULSTICH, E. *O Pavel: Curso interativo de terminologia*, 2006. (Tradução/Outra). Disponível em: [http://www.btb.termiuplus.gc.ca/didacticiel\\_tutorial/portugues/lecon1/indexe\\_p.html](http://www.btb.termiuplus.gc.ca/didacticiel_tutorial/portugues/lecon1/indexe_p.html). Último acesso em: 18/08/2010.

FENNER, R.; BETTI, A. H.; MENTZ, L. A.; RATES, S. M. K. Plantas utilizadas na medicina popular brasileira com potencial atividade antifúngica. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, vol. 42, n. 3, jul./set., 2006

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. Versão 3.0. Ed. Nova Fronteira, novembro de 1999.

- FONTELLES, M. *Dicionário professor Mauro Fontelles: estrutura e termos anatômicos; Português-Inglês/ Inglês-Português*. Belém: Unama, 2007.
- GEERTZ, C. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOMES, D. M. *Predicados verbais da língua Mundurukú e modelos lexicográficos*. Dissertação de mestrado, UnB, Brasília, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)*. Tese de doutorado, UnB, Brasília, 2006.
- \_\_\_\_\_. Por uma educação bilíngue pluralista e funcional: os espaços do mundurukú (tupí) e do português no âmbito da terminologia escolar indígena. In: *Libro de Actas II Encuentro de Lenguas Indígenas Americanas y II Simposio Internacional de Lingüística Amerindia Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)*. Resistencia : CONICET, 2010.
- GOMES, D. M.; MARINHO, M.; CAMARGOS, L.; COTA, A. *Ensino de Português como Segunda Língua (PSL) ao Povo Mundurukú*. Vol. 1. Brasília: Fortium, 2008.
- GUIMARÃES, D. T. (org). *Dicionário de termos médicos e de enfermagem*. São Paulo: Rideel, 2002.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Ed. Objetiva Ltda., dezembro de 2001.
- KRIEGER, M. G. & FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia – teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, M. G. Terminologia revisitada. *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.º 2, pp. 209 – 228, 2000.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Cia. Editora nacional, 1976.
- MACIEL, M. A. et all. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Quím. Nova* [online]. 2002, vol. 25, n. 3, pp. 429-438.
- Maués, R, H. Religião e medicina popular na Amazônia: A etnografia de um romance. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, volume 18(2): 153-182, 2007.
- NUNES, P. V. *Princípio Icônico e Tratamento Lexicográfico. Aplicação aos Nomes da Língua Mundurukú*. Dissertação de Mestrado, UnB, 2000.
- OLIVEIRA, L. P. de & DIAS, M. C. P.. *Representatividade na compilação de corpus: o projeto CORPOBRAS PUC-Rio*. Disponível em <http://www.realiter.net/spip.php?article252>. Acessado em: 2009.
- PATRIOTA, D. (Editor responsável). *Geração saúde, ervas e plantas: benefícios medicinais*. Ano IV, n.º 29. São Paulo: Editora Minuano (s.d.).
- PINTO, A. C.; SILVA, D. H. S.; BOLZANI, V. da S.; LOPES, N. P.; EPIFANIO, R. de A. Produtos naturais: atualidade, desafios e perspectivas. *Quim. Nova*, vol. 25, supl. 1, pp. 45-61, 2002.

RAMOS, A. *Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Técnica de Nível Médio para Habilitação de Técnico em Agrofloresta, Enfermagem ou Magistério: projeto Munduruku*. 2006.

RENDA, P. (Redação). *Ervas e plantas que curam*. n.º 1, s.v. São Paulo: Editora Escala (s.d.).

REY, L. *Dicionário da saúde e da prevenção de seus riscos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

VILLELA, M. M. & FERRAZ, M. L. *Dicionário de ciências biológicas e biomédicas*. São Paulo: Atheneu, 2007.